

Módulo 3: Como podemos confiar nas vacinas?

[00:00:10] Olá, bem-vindo de volta ao nosso MOOC, Cobertura da vacina para COVID-19: O que os jornalistas precisam de saber. Sou Maryn McKenna, sua instrutora chefe e este é o nosso terceiro módulo.

[00:00:24] No primeiro episódio e materiais, falamos sobre como chegamos onde estamos agora, a história da pandemia e a realização de vacinas que podem detê-la. No segundo, falaremos sobre as barreiras logísticas e políticas para obter vacinas distribuídas em todo o mundo.

[00:00:43] Neste, vamos falar sobre o que impediria alguém de tomar a vacina quando ela chegar onde ela está, a enorme quantidade de desinformação e notícias falsas girando em torno das vacinas. Isso é uma preocupação, porque a ciência é muito clara, desinformação e fake news não são apenas barulho, eles têm um efeito.

[00:01:08] Quando as pessoas lêem ou assistem ou ouvem informações falsas sobre o COVID, elas são menos propensas a agir para se proteger, menos propensas a usar uma máscara, seguir o distanciamento social ou aceitar a vacina. Antes de avançarmos nisso, vamos definir nossos termos. Na definição dos pesquisadores cujo trabalho estamos recomendando neste módulo, a desinformação provavelmente será algo passado inocentemente, digamos que sua tia colando um boato sobre a vacina COVID em sua conversa em grupo familiar.

[00:01:47] O conteúdo é falso, mas a intenção não é maliciosa. A fake news é maliciosa — é uma desinformação armada criada para ter um efeito destrutivo. Agora, um pedaço de desinformação pode ser criado por um mau ator, um governo, um grupo político, alguém com intenções desonestas colocadas para o mundo e, em seguida, é acessado e compartilhado como desinformação por alguém com boas intenções.

[00:02:20] Então, há um espectro. São parentes. Não é um ou outro. A desinformação e a fake news têm sido um problema desde os primeiros momentos da pandemia. Em maio passado, dois meses após a pandemia e cinco meses desde que o coronavírus começou a se espalhar pelo mundo, a agência UNESCO lançou um pacote informativo chamado Journalism Press Freedom e COVID-19 que examinou como as informações ruins estavam complicando a resposta à pandemia.

[00:02:57] Mesmo no início da pandemia, eles descobriram que a desinformação era um ataque. 40% dos posts de mídia social sobre COVID vieram de fontes não confiáveis. 42% dos tweets relacionados ao COVID-19 foram produzidos por bots. E em março daquele ano, assim que a pandemia foi declarada, 40 milhões de posts contendo informações falsas sobre COVID foram detectados e sinalizados pelo Facebook.

[00:03:31] Separadamente, a Fundação Bruno Kessler, um grupo de pesquisa na Itália, descobriu que em março do ano passado, novamente, assim que a pandemia estava acontecendo, havia 46.000 falsos tweets sobre isso todos os dias. Significa que milhões de pessoas foram expostas a esse conteúdo falso.

[00:03:52] Tenho certeza que você já viu durante o ano desde então, algumas das afirmações falsas que circularam sobre a doença COVID e o vírus que a causa — usar uma máscara faz com que os níveis de dióxido de carbono aumentem em seu corpo. Segurando a respiração por 10 segundos prova que você não tem COVID. Beber goles

de água quente libera o vírus de sua garganta, remédios de ervas cura COVID, hidroxiquina cura COVID, ivermectina cura COVID e assim por diante.

[00:04:25] Esta pandemia, temos sido exclusivamente vulneráveis à desinformação. Em parte, isso ocorre porque o próprio coronavírus é novo e a novidade evoca alarme. Mas também é porque esta é realmente a primeira pandemia de mídia social.

[00:04:43] SARS, o primeiro surto internacional de coronavírus ocorreu em 2003, antes da existência de mídias sociais. A gripe aviária H1N1, em 2009, veio três anos após a fundação do Twitter e do Facebook, ou antes de estarem abertos para uso público e dois anos após o primeiro smartphone. Mas o engajamento foi exponencialmente menor do que é hoje.

[00:05:10] A epidemia de Ebola de 2014 foi absolutamente afetada pelas mídias sociais, mas porque isso estava confinado à África Ocidental, houve problemas com rumores e fofocas. Mas a desinformação era principalmente regional. Contraste isso com hoje, onde as fake news tem sido tão intensa que a Organização Mundial da Saúde apelidou de uma infodemia.

[00:05:36] E onde as histórias falsas que sempre foram contadas por pessoas que se opõem à vacinação combinaram com os rumores e reivindicações selvagens que circularam sobre o coronavírus para criar uma infodemia ainda mais intensa sobre as vacinas.

[00:05:54] Aqui estão apenas alguns dos rumores que têm circulado. O desenvolvimento da vacina foi apressado, as vacinas COVID tornam os homens estéreis e dão abortos espontâneos às mulheres, as vacinas são baseadas no RNA mensageiro, reescrevem o DNA em seu corpo, a injeção de vacina insere um microchip em você e assim por diante. E nenhum deles é verdade.

[00:06:17] Agora, essas alegações parecem estranhas, mas são potentes o suficiente para que as pessoas queiram compartilhá-las e passá-las, o que significa que elas são potentes o suficiente para as pessoas acreditarem nelas. E isso significa que eles podem ser potentes o suficiente para afastar as pessoas de tomar a vacina para COVID e, portanto, estender a pandemia.

[00:06:42] Há também um componente nacionalista para rumores como estes. Nos últimos meses, à medida que diferentes candidatos à vacina se tornaram disponíveis, analistas de inteligência começaram a notar a ocorrência de fake news patrocinada pelo estado.

[00:06:58] Ou seja, países onde as vacinas são fabricadas, muitas vezes por empresas que têm uma conexão governamental, estão criando campanhas de desinformação sobre vacinas de outros países para fazer sua própria aparência melhor e diminuir a concorrência no mercado global. É outra versão da diplomacia vacinal, que falei na semana passada de países usando suas próprias vacinas como uma ferramenta de soft power.

[00:07:26] Quanto mais eles podem manchar a reputação de uma vacina rival, maior sua própria influência pode crescer internacionalmente. Então, como jornalistas, temos duas tarefas à nossa frente. A primeira é identificar informações erradas e fakes quando as

vemos, para que possamos evitar que ele passe. O segundo é tentar desmascará-las para que as pessoas possam rejeitar as notícias falsas e receber informações precisas.

[00:07:56] A primeira tarefa é a mais fácil. Há agora uma série de sites que ajudarão você a identificar quando as reivindicações sobre as vacinas para COVID não são verdadeiras. E nos materiais para este módulo, nós vamos lhe dar links para muitos deles.

[00:08:13] Uma das melhores é a Coronavirus Facts Alliance, patrocinada pelo Instituto Poynter, que é composta por mais de 100 checadores de dados de todo o mundo e que lista as histórias falsas e o material para desmascará-las. Há também coleções de mitos e denúncias pela OMS, a União Europeia, o British Broadcasting Companies Africa Service e o local de denúncias de longa data Snopes.com.

[00:08:47] Há também o Observatório Infodemics COVID-19, mantido pela Fundação Brudno Kessler, que analisa o tráfego do Twitter sobre vacinas para dizer a quantidade de desinformação que está circulando em seu país neste momento. Além disso, o Vaccine Insights Hub no primeiro rascunho, que monitora as principais tendências do Twitter e do Google em torno das vacinas para COVID.

[00:09:11] E, a Colaborativa de Comunicações de Saúde Pública, que é composta por organizações de saúde pública nos EUA. Não só lista mitos vacinais emergentes, como também recomenda em uma base de semáforo - verde, amarelo, vermelho - quais precisam de atenção e denúncia e quais podem ser ignorados com segurança.

[00:09:35] Então, é assim que identificar desinformação vacinal e fake news para que não passemos acidentalmente. A segunda tarefa é mais difícil. Como corrigimos a desinformação e a as fake news e ajudamos nosso público a obter informações confiáveis em vez disso?

[00:09:56] Acho que todos sabemos que não basta simplesmente dar informações às pessoas, afinal, as pessoas ainda fumam. Sabemos há décadas que fumar causa câncer e outros problemas de saúde. E qualquer um que fuma é lembrado disso sempre que pegar um maço de cigarros e vê o grande aviso no verso.

[00:10:16] Se a informação melhor fosse tudo o que precisava para mudar os comportamentos, ninguém fumava. No entanto, as pessoas ainda fazem. Então, o que fazemos como jornalistas para ajudar leitores e espectadores a receber boas informações sobre vacinas? O U.S. sem fins lucrativos, o Aspen Institute, lançou recentemente um conjunto de recomendações sobre a cobertura de enquadramento apropriado. Aqui estão algumas de suas recomendações.

[00:10:44] Imagine quais são as preocupações do seu público e faça histórias sobre essas preocupações antes que elas surjam. Especialistas em informação chamam isso de “pré-bunking” em vez de desmascarar. Não repita informações ruins no caminho para desmascará-las. Por exemplo, não escreva manchetes que digam coisas como: “As vacinas causam aborto espontâneo?”.

[00:11:10] Ajude seu público a entender o contexto. Por exemplo, que as vacinas que parecem ter sido produzidas em menos de um ano foram realmente desenvolvidas a partir da ciência básica que foi feita ao longo de mais de 10 anos. Não superenfatize pequenos efeitos, por exemplo, gastando muitas palavras em efeitos colaterais da vacina quando eles são extremamente raros.

[00:11:35] Reconheça que as pessoas que estão hesitantes sobre vacinas podem ter boas razões, elas podem vir de áreas do país ou grupos étnicos que foram mal tratados por governos ou por pesquisa médica e têm razões históricas para desconfiança.

[00:11:53] Não subestime a eficácia da vacina. Por exemplo, quando você relata os números de eficácia dos ensaios clínicos, enfatize que todas as fórmulas vacinais têm uma pontuação igual ou superior a 95% para prevenir doenças graves e morte. E, finalmente, mostrar vozes locais, não as do governo, como clero ou líderes comunitários cujas declarações sobre as vacinas serão confiáveis.

[00:12:25] Quero enfatizar aqui, não estou pedindo que você faça o trabalho do seu governo ou do seu Ministério da Saúde. Nossa tarefa como jornalistas não é vender nenhuma vacina em particular. Nossa responsabilidade como jornalistas é garantir que nossos públicos recebam as informações mais precisas e mais contextualizadas que sejam as mais adequadas às suas vidas, à sua geografia e aos seus recursos para que possam tomar as decisões mais informadas possível.

[00:12:59] Todos nós que queremos ver a pandemia de COVID acabar e esperamos que a decisão tomada pelo nosso público seja buscar a vacinação, porque neste momento as vacinas para COVID são a ferramenta mais potente que temos para diminuir a taxa de ataque do vírus e acabar com a doença e morte em todo o mundo que a pandemia tem causado.

[00:13:23] Como será a vida depois de chegarmos a esse ponto, quanto risco correremos se o COVID se tornar uma doença endêmica? Que tipo de monitoramento precisamos para saber se está aumentando novamente? Se precisaremos tomar doses de reforço para a vacina ou começar a dar às crianças como uma vacinação de rotina precoce? Quando podemos reunir de novo do jeito que costumávamos fazer? Falaremos sobre tudo isso na próxima semana em nosso módulo final sobre a vida após as campanhas de vacinação.

[00:13:57] Obrigado por se juntar a nós. Veremos você online. Fique seguro.